

CLÉMENT E. G. FÉRAUD

Técnico da UNESCO

NOTAS

SÔBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR

Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais

INEP - Ministério da Educação e Cultura

Rio de Janeiro

1 9 6 0

As notas e observações aqui apresentadas destinam-se aos professores do ensino elementar e do primeiro ciclo do ensino médio, isto é, referem-se a crianças de 6 a 14 ou 15 anos.

Sem nenhuma pretensão, procuram apenas lembrar verdades bem conhecidas e algumas regras elementares que ninguém ignora, mas que nem sempre são postas em prática. Saber é uma coisa, aplicar este saber é outra coisa. Nossa intenção é auxiliar os professores na melhor aplicação dos conhecimentos que possuem.

\* \* \*

Uma classe é um conjunto de crianças na qual cada uma continua a possuir fisionomia própria, que a distingue das outras.

Distingue-se de seus colegas por seus traços físicos, suas características somáticas e intelectuais, sua idade. Distingue-se pelos atributos diversos, próprios a seu sexo, quando se trata de uma classe mixta. Distingue-se ainda dos outros por seu caráter que condiciona seu comportamento geral, suas reações aos diversos estímulos e enfim por sua história pessoal, isto é, a totalidade dos acontecimentos que ela viveu e que a marcaram, seja criando hábitos, seja dirigindo sua vida consciente em várias direções, seja ainda inscrevendo - se no seu subconsciente onde podem permanecer muito tempo ocultos, mas de onde pode surgir, de maneira súbita e inopinada, a palavra ou o gesto libertador.

Porém, dentro da classe, cada aluno não reage mais como se estivesse só. Entre crianças que vivem em contáto com outras, aparecem reações e estabelecem-se fatores novos: imitação, contágio mental, emulação, e também tôdas as formas que pode assumir a afirmação do "eu" em relação aos outros.

O Mestre deve considerar todos êsses aspectos no manêjo de sua classe e na utilização dos métodos e processos de ensino.

\* \* \*

## I

## OS INDIVÍDUOS

## 1. Os componentes físicos

Torna-se banal dizer que as crianças diferem fisicamente e todo professor sabe distinguir, entre seus alunos, os altos e os baixos, os magros e os gordos, os fortes e os fracos.

Mas não deixa de ser importante medir e consignar essas diferenças e acompanhar o de desenvolvimento físico de cada aluno, tendo em vista que esse desenvolvimento não se processa de maneira regular, contínua e progressiva, mas sim por saltos, por crises correspondentes a fases do desenvolvimento psíquico, fases de de equilíbrio repercutindo sobre o trabalho e os resultados escolares.

O papel do professor, nesse campo es pecífico, não é evidentemente o de substituir o controle médico, mas sim de auxiliá-lo. Pode regularmente, cada mês por exemplo, realizar algumas medições que requerem apenas uma aparelhagem simples: peso (balança), tamanho (altímetro), perímetro torácico (fita métrica), capacidade respiratória (espirômetro). Conse gue-se, também, constatar facilmente as anomalias visuais por uma escala optométrica bem co mo as da audição, distinguindo-se os alunos que ouvem pouco e os que são surdos pelo pro cesso do relógio pouco ou muito afastado de ca da ouvido. Essas informações, consignadas em

fichas, são os primeiros dados do conhecimento que o professor deve ter de seus alunos. Do mesmo modo que o gráfico de temperatura informa o médico sobre seus doentes, a ficha de medições seguidas, útil ao professor, será indispensável ao médico escolar, permitindo também alertar as famílias quando fôr necessário prosseguir a observação clínica.

A saúde é um estado de equilíbrio condicionado pelo bom funcionamento de todos os órgãos e pelo metabolismo normal das glândulas endócrinas. Sabemos que um mau funcionamento da tireóide pode acarretar o bócio, ou o cretinismo. Sabemos também a importância do perfeito funcionamento das glândulas sexuais para o equilíbrio psíquico. Neste particular, também compete ao professor comunicar às famílias ou ao médico escolar os casos observados, os sintomas de deficiência ou de frustração, revelados durante o trabalho escolar ou nas horas de recreação, sintomas estes que, descobertos a tempo, podem revelar anomalias facilmente corrigíveis.

\* \* \*

## 2. As aptidões

---

A saúde da criança, compreendida como equilíbrio funcional, já é por si só um indício de aptidão que o professor deve conhecer para intervir quando necessário ou solicitar a intervenção da família, e, também, para poder dividir as tarefas, de acordo com as possibilidades de cada um.

Outras aptidões podem ser medidas: a criança é hábil ou desajeitada, resistente ou frágil - e a resistência nem sempre está relacionada ao peso ou ao tamanho.

Todavia, o campo em que o mestre deve realizar investigações metódicas é, sobretudo, o campo das aptidões intelectuais. Estas nem sempre se refletem no trabalho escolar propriamente dito. Comumente qualificamos de "aluno inteligente" aquele que melhor mereceria o título de "bom aluno". Sucesso nos exercícios escolares quando revela qualidades de atenção, memória, compreensão rápida, meticulosidade no trabalho - aptidões, sem dúvida, que a criança demonstra e que devemos desenvolver -, o sucesso escolar não é, obrigatoriamente, garantia do sucesso futuro do adulto. A vida exige-nos coisas diferentes daquelas exigidas pela escola, e todos nós conhecemos homens perfeitamente ajustados profissionalmente, bons chefes de família, e que entretanto na escola situavam-se sempre entre os últimos, merecendo, por isso mesmo, censura contínua do professor.

Assim, da mesma forma que consignamos os resultados das aulas e dos exercícios escolares, devemos por outros meios de medição avaliar as aptidões intelectuais da criança.

Os testes oferecem uma valiosa fonte de informação. Existem centenas à escolha do professor. O gabinete de psicologia que toda escola pode organizar com poucas despesas deve reunir, na nossa opinião, o material seguinte:

I - Pequena biblioteca sôbre testes e pesquisas:

- Binet, Alfred, Simon, Th. - La mesure du développement de l'intelligence chez les jeunes enfants. 10. ed. Paris, Publ. de la Société Alfred Binet, Ed. Bourrelier, |1959|. 119 p.
- Casassanta, Guerino - Manual de Psicologia Educacional - 3. ed., São Paulo, Ed. do Brasil, 1956. 378p. (Col. Didática do Brasil, Ser. Normal, v.10)
- Cesselin, Félix - Comment évaluer le niveau intellectuel; adaptation française du test Terman-Merrill (1937). Préf. H. Piéron. 3. ed. Paris, Ed. Bourrelier, |1959|. 142 p. illust.
- Claparède, Edouard - Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimentale. 10. ed. Neuchatel, Ed. Delachaux et Niestlé, 1952. 246 p.
- ----- - Comment diagnostiquer les aptitudes chez les écoliers - Ed. rev. aum. Paris, Ed. Flammarion, 1933. 319 p.
- Debesse, Maurice - Psychologie de l'enfant de la naissance à l'adolescence - Direction de Maurice Debesse, par Anzieu, Berge, Brulé (et autres). Paris, Ed. Bourrelier, 1956. 267 p., 2 f. (Cahiers de Pédagogie moderne)

- Ferré, André - Les tests à l'École - 4. ed. Paris, Ed. Bourrelhier, 1957, 191 p. (Carnets de pédagogie pratique)
- Gaillat, Roger - Analyse caractérielle des élèves d'une classe par leur maître - Paris, P.U.F, 1952. 260 p.
- Lourenço Filho, M.B. - Testes ABC - 4. ed. São Paulo, Ed. Melhoramentos, s/d. 119 p.
- Pieron, Henri - Psicologia experimental. Trad. de Lourenço Filho, 4. ed. aum. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1948. 146 p.

Esta lista, muito limitada, pode ser completada: encontrar-se-á uma bibliografia mais extensa no livro já citado de André Ferré, "Les Testes à l'École".

As pessoas interessadas podem também dirigir-se a:

Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.  
Rua Voluntários da Pátria, 107 - RIO DE JANEIRO.

Laboratoire de Psychologie de l'enfant. Rue Gay-Lussac, Paris 5.

Laboratoire de psychologie de l'École Normale Supérieure de St. Cloud, à Saint-Cloud (Seine - France).

Société Alfred Binet - 29 Rue Madame. Paris 6.

II - Equipamentos para medida do desenvolvimento físico:

- Balança
- Dinamómetro de Collin
- Altímetro
- Fita métrica
- Espirómetro
- Escala optométrica

### III - Testes:

#### 1. de conhecimentos gerais.

Os professôres de psicologia podem organizar grupos de normalistas para formulação dos questionários, tendo por base os testes do professor Otávio Martins, que podem ser consultados no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

Cada teste, assim organizado, será experimentado nas classes de aplicação, com o objetivo de controlar o seu valor e de estabelecer uma escala tão precisa quanto possível. Essa experiência constitui excelente iniciação aos métodos de testes.

#### 2. de aptidões.

- Testes ABC de Lourenço Filho, para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita.
- Binet et Simon. Medida da idade mental.
- Testes de inteligência de Pressey.
- Teste de classificação, de Couvé Vé zine, para medida da adaptação sensorio-motriz.
- "Chronoscope" de d'Arsonval, para a medida do tempo de reação.
- "Souricière" de Moede, para apreciação de habilidade manual.
- Testes motores d'Heuyer-Baille (habilidade manual)

- Bloco de Wiggly (inteligência)
- Escala de Grace Arthur (inteligência concreta)
- Teste "Sabadell"
- Teste de Labirintos de Porteus
- Meril e Terman
- T.A.T. de Murray
- Cubos de Kohs (aptidões motrizes)
- Teste de Mosaico de Gille.

3. de personalidade, ou projetivos.

- Village d'enfants, de Arthus
- Test caractériel pour un diagnostic rapide, de Gex
- Benreuter
- Adaptação do questionário de Berger (v. livro de Gaillat: Análise caracterológica de uma classe)
- Teste da Árvore, de Koch

Nota: O teste de Rorschach, de difícil manêjo, só pode ser indicado a título documentário.

\* \* \*

### 3. A evolução da criança e a psicologia genética

---

A criança entra na escola com 7 anos. Está num período de equilíbrio psíquico que vai prolongar-se até o início da puberdade, isto é, aproximadamente até 10 ou 11 anos.

Entre 7 e 10 anos, a criança vive um período feliz. Adapta-se facilmente aos seres e às coisas. Está voltada para o mundo exterior, procurando conquistá-lo lentamente, alargando pouco a pouco o seu horizonte intelectual. É capaz de cooperar: o coleguinha torna-se um associado ou mesmo um cúmplice! É a idade dos empreendimentos coletivos, e portanto o momento de organizar-se, em classe, os trabalhos de equipe, onde o papel de cada um está ligado ao dos outros companheiros. É a idade também da temeridade. Os psicólogos qualificam-na "idade Robinson": a criança trepa nas árvores, sonha possuir uma bicicleta, faz pouco caso dos perigos. Impõe-se, assim, uma vigilância ativa a fim de evitar consequências desastrosas provenientes desta tendência a ignorar o perigo.

Equilíbrio intelectual, equilíbrio também no plano afetivo. A criança atravessa um período de calma no que diz respeito às suas amizades, ao amor que dedica aos seus. O menino e a menina podem brincar e trabalhar juntos sem o estabelecimento de outros laços que não sejam os da camaradagem ou da amizade pura. O problema do sexo apresenta-se apenas em casos excepcionais e a coeducação só oferece vantagens.

A puberdade vai destruir esse belo equilíbrio. E a criança vai atravessar, a par

Vir dos dez ou onze anos, um período difícil, às vezes penoso, que vai conduzi-la através alternativas de confiança e desespero, de tumulto interior e calma passageira, de amor e de ódio, até às proximidades da maioridade física, até a fase final da adolescência inquieta.

Com a puberdade aparece a mais grave crise desde o nascimento. O nascer é um rompimento, em todos os sentidos do termo, já que separa de maneira brusca de sua mãe, "meio alimentador e protetor", o ser infinitamente frágil, o bebê, para jogá-lo num mundo em que inconscientemente sentir-se-á inadaptado.

A puberdade desenvolve um drama análogo, com o aparecimento de nova função, a função de reprodução, num organismo que não está pronto para recebê-la. O menino ou a menina tem capacidade de procriar, de transmitir a vida, de dar existência a outro ser, quando ainda não terminou o seu próprio desenvolvimento, e quando precisa ainda do ambiente que o rodeia, não apenas para ~~subsistir~~, mas também para terminar o seu crescimento.

*subsistir*

Sabe-se que a puberdade aparece mais cedo nas meninas do que nos meninos e que é mais precoce nos países de clima quente do que nas regiões frias. A passagem da condição de criança para a condição de adulto não pode realisar-se sem drama interior; eis a miséria, mas também a grandeza do homem: os animais não conhecem essa crise nem esse rompimento; passam sem dificuldade da infância à idade adulta.

Crise que se traduz por sintomas físicos bem conhecidos dos educadores: as formas ficam mais roliças nas pré-adolescentes; surgem as primeiras regras, acompanhadas de dis-

túrbios mais ou menos sérios; no jovem aparecem os primeiros fios de barba, a voz muda de tom, fica mais grave. Em ambos nota-se um alongamento corporal: "cresce como um bambú", na linguagem popular. Dêsse alongamento resulta sentir-se o púbere desajeitado dentro de seu próprio corpo, como se estivesse dentro de uma roupa demasiadamente larga. Esse é um dos aspectos mais marcantes da desadaptação própria à crise pubertária, tornando o menino ou a menina desastrados em seus gestos. Conscientes da falta de jeito, por vêzes acentuada propositadamente, mas em conseqüência da qual sofrem, desadaptado consigo mesmo, o adolescente é também com sua família e essa desadaptação pode levá-lo a odiar seus pais, considerados como entes que não o compreendem e que impedem o livre desabrochar da personalidade. "Famílias, eu vos detesto", dizia André Gide. E encontra nos atitudes idênticas nos diários juvenis, quando uma cultura intelectual, possibilita aos jovens registrar no papel, pensamentos, emoções, sentimentos mais íntimos.

A escola, neste período, é considerada como um meio opressivo no qual o mestre representa a família, isto é, o regulamento e a autoridade.

A criança concentra-se em si mesma; procura encontrar-se. Procura-se nos espelhos, onde demoradamente observa a sua fisionomia. Procura-se nos livros onde se identifica de bom grado aos heróis românticos. Procura encontrar-se no diário íntimo ou na oração. É a idade dos devaneios, dos entusiasmos místicos, dos desejos inmoderados de sacrifício. É nessa idade que sonhamos morrer pelo ente amado; é quando nos desligamos do mundo real, concentramos do-nos sobre nós mesmos.

Com alunos dessa idade, o mestre deve evitar cuidadosamente tudo o que possa agravar o drama, procurando não aparecer como o representante dos pais ou de autoridade delegada pela família. Deve melhor ser o conselheiro, o camarada, o "éveilleur d'âmes".

Nosso desenvolvimento físico e psíquico realiza-se por etapas e crises sucessivas que ora projetam o indivíduo para o mundo exterior, ora fazem-no voltar-se para dentro de si mesmo. O nascimento é uma crise seguida por uma primeira exploração do mundo que perdura até pouco mais ou menos quatro anos. Ao aproximar-se dessa idade, a criança entra numa fase difícil, fase de formação e de afirmação de seu temperamento. Por volta dos cinco anos entra então no novo período de calma, já assinalado, em que retomará suas investigações sobre as coisas e os seres. Depois, a puberdade - crise frequentemente dolorosa, faz o jovem interiorizar-se até a maturidade total. Vive uma vida inquieta, ora concentrada sobre si mesmo, ora arrebatada, impulsiva, até o término de seu desenvolvimento físico. Na maturidade o equilíbrio parece ser definitivo; mas, entre quarenta e cinquenta anos, nova crise aparece, quase sempre de ordem afetiva, mais atenuada do que as precedentes, como se fôsse o eco de tumultos anteriores. Os romancistas intitulam - "le démon de midi" esse impulso capaz de desequilibrar uma existência regular, tendo mesmo descrito os casos mais típicos. Em seguida, vem a calma, a serenidade da velhice.

Nosso pensamento, em sua marcha, procede do mesmo modo, por impulsos e retornos. Naturalmente prospectivo, parte cheio de ânimo, em conquista das coisas. A consciência afirma

o objeto ali onde nossos sentidos o situam. Mas o pensamento faz a experiência do êrro, e então surge a dúvida que nos faz voltar ao mundo interior. A dúvida é o ponto onde se articulam os dois movimentos: impulso e retorno sobre si. Até que o impulso, liberto, parta de novo, e que o pensamento, de sua contemplação interior, se projete uma outra vez para o mundo exterior.

Impulsos, retornos, crises, períodos de calma: nosso pensamento ressen-te-se talvez das condições em que se formou. O significado da infância não seria a razão profunda do significado do homem?

\* \* \*

#### 4. O caráter

---

As crianças distinguem-se, ainda, pelo seu comportamento, em grande parte condicionado por disposições caracterológicas profundas. Deixando deliberadamente de lado os diversos aspectos que pode assumir uma investigação caracterológica - já que algumas dessas investigações exigem do investigador um "métier", um conhecimento e uma intuição que não podem ser exigidos dos professores, notadamente no início da carreira - adotaremos as indicações fornecidas pela Escola de Heymans e Wiersma, retomadas e desenvolvidas na França por René le Senne e M. Gaston Berger.

As crianças, como todos os homens em geral, diferenciam-se pelo seu grau de emotividade. A emotividade mede a sensibilidade à comoção num psiquismo individual, seja a causa da comoção interna ou externa(1).

Os emotivos vibram intensamente. Um nada os transtorna. Levam a sério coisas insignificantes. Inversamente, aqueles intitula dos não-emotivos pela caracterologia, embora ninguém seja inteiramente isento de emoções, mostram-se "frios". Suas emoções, dizem eles, são razoáveis.

O grau de emotividade pode ser medido. Com referência a este tópico, enviamos o leitor ao trabalho de M. Gaston Berger, "Traité

---

(1) E. Mounier. Traité du caractère.

pratique d'analyse du caractère", do qual existe uma tradução espanhola(1). M. Berger organizou um teste permitindo avaliar por meio de uma escala de 1 a 9 a emotividade individual, bem como os outros fatores que concorrem para o esboço da fórmula caracterológica.

Certamente o professor não deverá dirigir-se a um aluno emotivo nos mesmos termos em que se dirige a um não emotivo. Por outro lado, uma emotividade excessiva - seja uma E=9 - requer atenção cuidadosa: tal criança sofreria por causa de um reparo ou simples admoestação que deixariam indiferente o não - emotivo (n.E.). Com o primeiro, deve-se tomar tôdas as precauções a fim de evitar "feridas" deploráveis, precisando-se talvez recorrer a um verdadeiro tratamento psíquico.

O segundo fator do caráter é a atividade, designando-se o número de atos executados por uma pessoa, mas sim a facilidade, o desembaraço com que são executados. Pode acontecer que um não-ativo (n.A.) aja muito, em decorrência de uma forte emotividade - por exemplo, quando se trata de realizar o que lhe agrada, ou melhor, quando o entusiasmo vence todos os obstáculos. Mas o não-ativo fatiga-se depressa. Aos momentos de ação intensa sucedem longos momentos de abatimento. Frequentemente agir torna-se penoso e nos casos extremos a própria existência parece penosa, na medida em que requer esforço. O sêr ativo, pelo contrário, desconhece a fadiga, porque age com facilidade, executa sem nenhuma hesitação até mesmo as tarefas que não o interessam.

---

(1) Tratado practico de analisis del caracter. "El Atenes". Buenos Aires. 1952. (Colección Cultura Universal).

Os caracterólogos consideram ainda o fator constância nos desígnios, que intitulam "secundaridade-primaridade", utilizando termos empregados pela psicologia clássica.

Chama-se função primária de uma representação o conjunto de efeitos que ela provoca quando se situa no campo da consciência clara. Os efeitos secundários são aqueles que a representação acarreta quando está fora do campo da consciência e continua no entanto a repercutir em nós e a exercer influência sobre nosso comportamento. Daí resulta que o indivíduo "primário" (aquêles cujo fator secundaridade está abaixo da média) reage imediatamente aos estímulos. Vive no momento presente. É fantasista, desordenado, pouco apegado aos princípios, pouco fiel às suas amizades, inconstante como dizia irônicamente o filósofo suíço Benjamin Constant: "Sola inconstantia constant": Sou apenas constante na inconstância.

O indivíduo "secundário" (S), pelo contrário, é metódico, estável, organizado. É apegado aos regulamentos. Vive no futuro, construindo-o, e no passado, que não esquece. É fiel e ordenado. Na criança em idade escolar já se podem distinguir as duas atitudes e, conseqüentemente, o grau de secundaridade de cada aluno.

Ora êsses três fatores: emotividade (ou não-emotividade), atividade (ou não-atividade), secundaridade (ou primaridade), combinam-se e definem os tipos de caráter, designados

cada um pelos caracterólogos com um termo, cuja descrição detalhada é encontrada nos livros especializados (1).

Limitamo-nos aqui a esboçar o quadro dos oito tipos cuja combinação dos três fatores permite-nos distinguir.

Os emotivos-ativos-secundários (E.A.S.) são intitulados "passionais" (2). São seres de vontade, realizadores, que vivem para sua obra ou para sua missão. Possuem grande poder de trabalho. São perseverantes, às vezes violentos, mas são merecedores de confiança, porque apegados às suas idéias, aos seus sentimentos, aos princípios de vida que adotaram. Realizadores e ambiciosos, têm o gosto da grandeza.

- 
- (1) V. a bibliografia sumária indicada no Boletim informativo do C.B.P.E., nº 36, de julho de 1960, p.11, e notadamente:  
 R. le Senne. *Traité de Caractérologie*. P.U.F. Paris. (Collection Logos), obra fundamental.  
 G. Berger. *Traité pratique...* (Este livro contém o questionário sobre o caráter.  
 A. le Gall. *Caractérologie des enfants et des adolescents*. P.U.F. Paris (Collection "Caractères").
- (2) A terminologia é mais ou menos válida quando conservamos o sentido habitual. O termo aplicado a cada tipo de caráter deve ser compreendido não em seu significado comum, mas sim no sentido particular atribuído pelos caracterólogos.

Assim foram, no passado, Napoléon, Beethoven, Racine, São Agostinho, Pascal, Miguel Ângelo, Newton, Cabral... Esses seres, quando possuem o que chamamos inteligência, deixam traços na história.

Os coléricos (E.A. Primários), possuem sentimentos mais instáveis. Cada acontecimento comovente oferece-lhes ocasião de empreender nova conquista. As necessidades vitais afirmam-se com intensidade, nesses seres de temperamento pícnico, de corpo robusto, de torax largo. São sociáveis, bons oradores; improvisam com facilidade, são otimistas. Citemos como exemplo os personagens históricos: Danton, V. Hugo, Diderot, Edmond Rostand...

Entre os emotivos-não-ativos agrupam-se primeiro os secundários, no grupo dos sentimentais (E.n.A.S.). Amiel, Kierkegaard, Rousseau, Vigny, Maine de Biran são não-ativos que se recolhem na meditação. Possuem temperamento esquizóide, e uma certa tendência para a esquizofrenia, forma mórbida desse temperamento. São tímidos, conhecem o escrúpulo e a indecisão. Frequentemente melancólicos, por vezes mesmo misântropos, falta-lhes confiança em si próprio. Entretanto, são seres morais, e sua necessidade de pureza leva-os ao ascetismo.

Quando o educador descobre tal fórmula em uma criança, deve, sem dúvida, acompanhar de perto o comportamento do aluno, deve intervir a fim de que não se distancie de seus colegas, mas, ao contrário, para que participe de suas brincadeiras, de suas atividades, mesmo que isso exija do sentimental um esfôrço considerável.

Os nervosos também são não-ativos (E.n.A.P.). O fator primaridade leva-os à instabilidade de sentimentos, à vagabundagem sob diversas formas: fuga, desjo de viagens, vagabundagem sentimental. Os nervosos sentem a necessidade de causar espanto, de atrair atenção. Falta-lhes objetividade; fabulam, e com aptidões concordantes são poetas. Entre êles alinham-se Byron, Baudelaire, Chopin, Gauguin, Musset, Edgar Poë, Verlaine... Suas necessidades de emoções sempre renovadas provocam a busca de "paraísos artificiais", da conquista amorosa, do álcool ou do café, do jôgo, das drogas. Tendem ao macabro, ou ao horrendo, ao absurdo, ao vil. Cantam a poesia da morte, ressentem com tristeza a volta impossível das coisas: Guilherme de Almeida, falando dos barcos de papel que fazia nos seus tempos de menino, escreve:

"...Foram-se embora e não voltaram mais!"

Muitos jovens classificar-se-iam entre os "nervosos".

Casos em que uma vez mais deve o professor exercer vigilância, tanto mais que o desequilíbrio é mais marcante: emotividade forte, atividade muito fraca, e fator secundaridade inferior à média.

Os não-emotivos são menos interessantes de descrever, porque são menos comoventes.

Pode-se estudar a filosofia de Kant sem conhecer o personagem. Ele está ausente de sua obra. Um poeta, pelo contrário, ali está inteiro. Os não-emotivos-ativos-secundários,

como Kant, Buffon, Darwin, Franklin, Hume, Bergson, Renan, os fleumáticos, são homens de hábitos, de princípios. Respeitam os regulamentos e as leis, a ordem, a nitidez; falam pausadamente, são concisos, objetivos, metódicos, e possuem sentimento de dignidade social e profissional.

Os sanguinos (M.E.A.P.) também são objetivos, positivos, porém utilitaristas, oportunistas, preocupados consigo mesmo. Possuem senso prático bem caracterizado e em consequência de seu senso social, habilidade e polidez natural, são diplomatas em todos os sentidos da palavra. Sua tolerância funda-se sobre seu ceticismo. Amam a ciência, são hostis à religião e à metafísica. Assim foram Voltaire, Luiz XI, Maquiavel, Metternich, Talleyrand, Montesquieu.

Os não-emotivos-não-ativos são, evidentemente, menos interessantes, o que não significa serem menos numerosos. Felizmente existem em número bastante grande. Felizmente para todos os homens, porque entre eles desempenham um pouco o papel de lubrificantes das diversas peças de um mecanismo. Evitam os choques.

Os apáticos (n.E.nA.S) vivem de recordações, de sonhos. Frequentemente argumentadores, chicaneiros, cabeçudos, possuem, na maioria das vezes, uma atitude de polidez indiferente em relação aos outros. Possuem todos os defeitos dos fracos, tal como o Rei de França Luiz XVI que declarou, quando anunciaram -lhe que os deputados dos "Estados Gerais" de 1789, não queriam sair do local onde estavam reunidos. "Não querem sair? Pois que fiquem!"

Tal como os apáticos, são passivos, os amórfos (nE.nA.P.). Negligentes, preguiçosos.

sos, fracos, sem vontade; são inimigos de qualquer esforço, inimigos do esporte, sendo também influenciáveis. Entretanto, são acolhedores, prestativos. Não ligam importância aos princípios e não aceitam restrições. São seres satisfeitos consigo mesmo e não se queixam de seu destino. Entre eles, destacam-se Luiz XV e talvez o poeta La Fontaine, apesar de sua emotividade situar-se na média e de que sua fórmula caracterológica possa ser estabelecida em 522 (E:5, A:2, s:2).

Essas rápidas considerações sobre os diversos tipos de caráter merecem ser desenvolvidas. Tanto mais que outros fatores(1) podem intervir, trazendo uma nova possibilidade de definir, entre esses tipos, as infinitas variedades de indivíduos. Fatores de atitude, como polaridade(2), largura do campo da consciência(3); fatores de orientação, cuja raiz encon

- 
- (1) Conf. o livro de M. Gaston Berger: *Traité pratique...*
- (2) Polaridade. Esse fator, segundo M.G. Berger, apresenta dois tipos opostos: o tipo "Marte", que gosta de comandar, obrigar os outros a obedecer, e o tipo "Venus" que, pelo contrário, sabe manobrar e seduzir a fim de obter o que deseja.
- (3) O indivíduo cuja largura do campo de consciência é estreito, absorve-se completamente no que está fazendo, a ponto de ficar insensível ao que se passa em seu redor. O "largo", pelo contrário, continua a acompanhar os acontecimentos que se desenrolam em seu redor ao mesmo tempo que se consagra a um determinado assunto.

tra-se em tendências, tais como avidez(1), interêsses sensoriais(2), ternura(3), paixão intelectual(4).

Através do conhecimento desses fatores e desses tipos, pode o educador compreender as reações pessoais de cada um de seus alunos, e, na medida do possível, prevê-las, intervindo a fim de exercer uma ação verdadeiramente educativa.

- 
- (1) A avidez é a necessidade (mais ou menos imperiosa) que nos leva a aumentar as nos sas riquezas, melhorar nossa situação , nossos conhecimentos, nossas capacidades potenciais.
- (2) O fator "interêsses sensoriais" mede a im portância que concedemos aos elementos af recidos pelos nossos sentidos: prazeres da vista, do ouvido, do tato...
- (3) A ternura é a tendência mais ou menos for te que nos leva a amar os outros, partilhar alegrias e tristezas, sentir o que os outros sentem, colocando-nos em seu lugar.
- (4) Esse fator distingue as pessoas que gos - tam de resolver problemas sem utilidade prática, como palavras cruzadas, que apre - ciam discussões de idéias, reflexão abs - trata, daquelas que prezam sobretudo os resultados e, conseqüentemente, não apre - ciam a especulação pura.

\* \* \*

## 5. As ocorrências pessoais e o "meio"

---

Enfim, cada criança de uma classe já viveu sua própria história, exclusivamente pessoal. Acontecimentos marcaram-na, deixando vestígios tanto mais vivos quanto a criança é um ser jovem, ainda maleável e sensível.

No que se refere a esses fatos passados, é óbvio que o mestre nada pode fazer. Entretanto deve tentar conhecê-los, sem indiscreção.

Muito poderá aprender em conversas mantidas com os pais, às quais deve prestar atenção com simpatia. Quando tiver conquistado a confiança das famílias, poderá então arriscar-se, sem dar a impressão de imiscuir-se em segredos de família, a formular perguntas sobre fatos da vida pessoal do aluno, susceptíveis de esclarecê-los.

\* \* \*

## II

## OS FATORES DA PSICOLOGIA ESCOLAR

## 1. A imitação

A imitação é o primeiro grau da dissolução da personalidade, sendo, todavia, fator de socialização.

A criança é por natureza imitadora ; por imitação adquire a maioria dos hábitos físicos, intelectuais e morais que condicionam a sua integração no grupo social. Muitos de nossos gestos familiares, linguagem falada ou escrita, moralidade - isto é, nosso modo de agir conforme as regras do grupo - nossa maneira de raciocinar e, em geral, todos os aspectos de nossa socialização, nos são fornecidos pelos padrões estabelecidos que limitamo-nos a copiar.

O aluno às vezes imita o seu professor; a menina copia a professora, deseja imitar sua maneira de trajar, sua entonação de voz, seu penteado, sua "maquilagem"... Frequentemente a criança imita algum colega e nem sempre a escolha recai sobre o bom aluno, mas, pelo contrário, sobre aquele que demonstra qualidades de fôrça, audácia, sem levar em conta o uso que esse último faz dessas aptidões.

O líder de uma classe é quase sempre insubordinado, importante pelo valor que ele mesmo se atribui. É aquele que toma a iniciativa de atos coletivos, que comanda qualquer

\* \* \*

movimento e que exterioriza uma autoridade baseada em fôrça física ou "inteligência" prática, suscitando admiração.

Isto pode constituir perigo, e o mestre deve vigiar êsse ou êsses líderes que reconhecerá facilmente na classe. O líder, possuindo um caráter firme, não convém contrariá-lo de frente, mas, talvez, limitar o alcance dessa popularidade, quando haja cometido alguma falta notada pelas crianças.

O fator imitação aparece inevitavelmente; o papel do professor é o de estar atento para que recaia sôbre os melhores exemplos.

\* \* \*

## 2. O contágio mental

---

O contágio mental, assim como a imitação, compreende elementos de despersonalização, com a diferença de que influi sobre as emoções e sobre os sentimentos. Quando uma pessoa assiste, ao lado de várias centenas ou vários milhares de espectadores, a um espetáculo teatral ou a um jogo de futebol, sente, com maior acuidade, de que se estivesse sòzinha, os estímulos que atingem sua afetividade. A beleza de um diálogo, o efeito de uma encenação, uma combinação de jogo onde a inteligência, a habilidade, a rapidez conjugam-se não apenas para uma solução eficaz, mas, também, para uma certa forma de beleza, não seriam apreciadas e aplaudidas por cada espectador se o conjunto não multiplicasse de alguma maneira o poder de emoção de cada um.

Podem temível em certos casos, porque pode levar ao entusiasmo cego, invalidando qualquer contróle. Sabemos as conseqüências dos discursos de Nuremberg quando Hitler, baseando-se nesse fenômeno, exaltou frente a com mil alemães, as virtudes e a supremacia da pretensa raça alemã.

Ora, o contágio mental pode exercer influência na classe cada vez que uma emoção invade a alma infantil, seja no decorrer de uma lição de moral, onde o professor saiba despertar a sensibilidade dos alunos - cada aluno sentindo-se então mais emocionado porque está entre seus colegas - seja também pela leitura de um belo poema, ou ainda por ocasião de acontecimentos fortuitos, capazes de inspirar compaixão, simpatia - ou ódio!

### 3. A emulação

---

Todavia, se cada indivíduo tende pela imitação e pelo contágio mental a integrar-se no grupo, já a emulação, que nasce espontaneamente do fato de que o educando vai ser comparado aos seus colegas ou vai comparar-se a eles, é um fator contrário, conduzindo à exaltação da personalidade.

A emulação é um fenômeno natural. Leva-nos a valer mais e melhor do que os outros, a igualá-los pelo menos, a ultrapassá-los talvez, a fim de atingirmos o primeiro lugar.

Muitos educadores ressaltaram o interesse que esse fator apresenta na educação. Os jesuítas, em suas escolas, concediam-lhe grande importância e multiplicavam os elogios, as distribuições de cruces e prêmios. Outros educadores mostraram como a emulação pode ser estímulo poderoso, elevando-nos acima dos outros e de nós mesmos.

É utilizada em nossas classes quando organizamos concursos, quando estabelecemos classificação por ordem de mérito, ou simplesmente quando felicitamos ou recriminamos um aluno diante de seus colegas. Mas essa prática não deixa de apresentar inconvenientes.

Os alunos que obtêm êxito nas tarefas escolares são quase sempre os mesmos, e assim serão também estes os que merecerão ser elogiados e citados como os primeiros da classe pelo professor. Nestas crianças pode despertar um certo sentimento de orgulho e, mais grave ainda, de vaidade. Em compensação, no

Íntimo de outros, podem germinar a inveja, o ciúme, e finalmente o ódio por aquêles que não pode ser igualado, acarretando tôdas as consequências próprias a tais manifestações: trapanças, a fim de compensar as insuficiências, denúncias, calúnias, maldades de tôda espécie.

Por outro lado, os diversos processos de ensino que utilizam a emulação, começam pelas notas atribuídas aos deveres escritos e às lições orais, podem desvirtuar o verdadeiro significado do esforço: a criança trabalha para obter boas notas e não para aumentar seus conhecimentos e desenvolver suas qualidades. Quando somente a nota tem valor, existem várias maneiras de obtê-la, maneiras desleais tais como copiar resultados do caderno de um colega ou no livro aberto, durante uma composição.

O professor deve, pois, utilizar êsse processo com muito cuidado. Compete-lhe distribuir elogios aos alunos, não apenas pelos resultados em si, mas sobretudo pelo esforço realizado. Pode, igualmente, recorrer à emulação entre grupos, formando equipes tão homogêneas quanto possível, de níveis sensivelmente idênticos.

Deve, porém, recorrer a outro gênero de competição, isto é, meios pelos quais a criança tenha oportunidade de comparar-se a si mesma, apurando ela própria os seus resultados escolares, tomando nota do número de erros feitos nos ditados, ou dos cálculos bem ou mal resolvidos. Assim, a criança receberá elogios pelos progressos alcançados, e não porque conseguiu alçar-se acima de seus colegas.

Quanto às manifestações de oposição que chegam até a agressividade, convém considerá-las com muito cuidado, sobretudo quando se trata de púbere e de adolescente. Deve-se proceder com paciência e compreensão, pedindo-lhes a sua adesão às regras sociais ou morais, sem usar de uma autoridade que quase sempre provoca irritação e não atinge a finalidade educativa.

\* \* \*

## Conclusão

A lista das indicações precedentes não é por certo exaustiva. Cada professor, atento à vida de sua classe, ao comportamento e às reações de cada um de seus alunos, saberá encontrar, por intuição e experiência própria, a atitude e a conduta que deve adotar.

O essencial é que esteja consciente de que na classe existem crianças que muito esperam do professor, que esperam mais do que conhecimentos, e mesmo do que cultura intelectual.

Uma classe é um agrupamento, onde cada aluno conserva individualidade própria, e o processo educativo deve também visar ao enriquecimento da personalidade infantil, considerando a realidade de cada uma, e as forças latentes que cada criança possui, devendo-se, portanto, exercitar essas forças, tendo em vista uma vida melhor, menos limitada e sempre mais humana.

CF/mgc.